

O LIBERTÁRIO

Um Boletim da Associação em Prol do Pensamento Libertário - APPL - Salvador - Ba - Caixa Postal 053 - Cep. 40001-970

60 Anos de Revolução e Guerra Civil na Espanha

Entrevista com Buenaventura Durruti (militante da Confederação Nacional dos Trabalhadores, líder da mais conhecida Milícia existente durante a guerra) para o *Toronto Star*, em Setembro de 1936



Durante a Segunda Guerra Mundial, Picasso recebeu a visita do embaixador alemão em Paris, que lhe perguntou, ao ver uma foto de Guernica: "Foi o senhor quem fez isso?". Picasso respondeu: "Não, foram vocês!".

Para nós, é uma questão de esmagar o fascismo de uma vez por todas.

Nenhum governo do mundo combate o fascismo até a morte. Quando a burguesia vê que o poder lhe escapa das mãos, recorre ao fascismo para manter-se. Há muito o governo liberal da Espanha poderia ter retirado o poder dos seus elementos fascistas. Mas em vez disso, contemporizou, transigiu e perdeu tempo. Mesmo agora, neste exato momento, existem homens deste governo que

querem facilitar as coisas para os rebeldes. Nunca se pode saber, não é mesmo? — o atual governo ainda pode vir a precisar dessas forças rebeldes para acabar com o movimento operário...

Sabemos o que queremos. Para nós, não importa que haja uma União Soviética, por cuja paz e tranquilidade Stálin sacrificou os operários da Alemanha e da China. Queremos a Revolução aqui na Espanha agora, imediatamente, e não talvez depois da próxima guerra na Europa.

Estamos hoje dando muito mais preocupação a Stálin e a Hitler com a nossa Revolução do que todo o exército vermelho da Rússia. Para a classe operária alemã e italiana damos o exemplo de como tratar com o fascismo.

Não espero que nenhum governo do mundo dê ajuda a uma revolução libertária. Talvez os interesses conflitantes dos vários imperialismos possam ter alguma influência sobre a nossa luta. É possível. Franco está fazendo o que pode para arrastar a Europa para o conflito. Ele não hesitaria em lançar a Alemanha contra nós. Mas não esperemos qualquer ajuda, nem mesmo do nosso governo.

(Pierre Van Paasen, o entrevistador, interrompe para dizer: "Se vencerem, estarão sentados sobre um monte de ruínas".)

Mas nós sempre vivemos em cortiços e buracos nas paredes. Saberemos como arranjar-nos durante algum tempo. Pois não devem esquecer que também sabemos construir. Fomos nós que construímos os palácios e as cidades na Espanha, na América e em toda a parte. Nós, os operários, saberemos construir outros para tomar o lugar dos que forem destruídos. E ainda melhores. Não temos medo de ruínas. Nós herdaremos a terra. Quanto a isso, não há a menor dúvida. Os burgueses podem fazer explodir e destruir o seu mundo antes de abandonarem o palco da história. Nós trazemos um novo mundo em nossos corações. E esse mundo está crescendo a cada minuto que passa.

"Morrer — ainda que a serviço de uma causa impessoal — é sempre um assunto pessoal e íntimo".

Artur Koestler

A COLETIVIZAÇÃO DOS CAMPOS NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

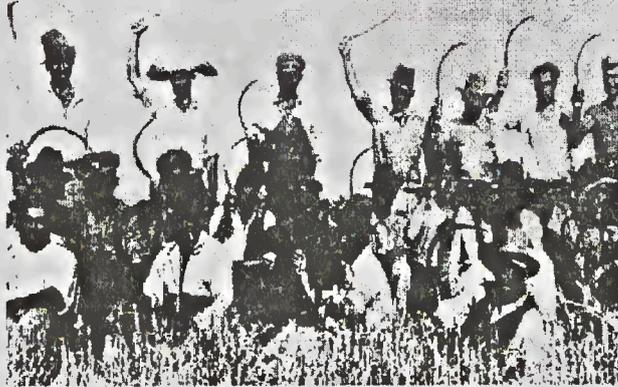
Os anarquistas de Puicerdà, coletivizaram as lojas, mas não tocaram nas granjas da Cerdeña. Foi este o primeiro exemplo da extrema diversidade das soluções dadas neste campo. Na realidade houve, durante e depois da revolução, um vasto movimento de coletivização rural, que é um dos pontos mais ardentemente controvertidos por testemunhas e pelos autores. Para alguns, anarquistas principalmente, a coletivização foi resultado de um poderoso movimento de associação voluntária provocado pela propaganda e pelo exemplo coletivista de seus grupos. Para os outros, comunistas ou republicanos, a coletivização agrária, na maioria dos casos, foi imposta pela força, pelo terror, pelas milícias e os grupos de ação anarquista. Os observadores "neutros" não se mostram menos divididos: o socialista Prats, o obreirista independente, Fenner-Brockway, o republicano italiano, Rosselli cantaram os louvores das coletividades aragonesas, surgidas indubitavelmente, segundo eles, da vontade camponesa. Inversamente, Borkenau, pouco suspeito, contudo de simpatia pelos temas comunistas de propaganda, considera que, salvo na região da Mancha, a coletivização foi imposta aos camponeses pelo terror.

É forçoso reconhecer que há sérios argumentos em favor de cada uma das teses. Em primeiro lugar, a forma de exploração coletiva não era nova. As apropriações de terra que se haviam produzido antes da guerra civil foram quase sempre acompanhadas de um começo de exploração coletiva. As duas organizações sindicais camponesas, a da CNT, o mesmo que a da UGT, se haviam pronunciado em favor da coletivização voluntária. Os adversários mais resolutos da coletivização, os comunistas, para combater o movimento tiveram que criar em Levante, em todos seus detalhes, uma organização campesina nova. Por último, as coletividades nascidas durante o verão de 1936 duraram as vezes até fins da guerra civil, reconstituindo-se, em alguns casos, depois de sua dissolução. Além do mais, Andaluzia, que quiçá pode ter sido a terra eleita das coletividades, se encontrou muito prontamente em mãos dos generais e nem Levante, nem Cataluña, nem Aragón, ofereciam a estas experiências condições especialmente favoráveis.

É sabido que a princípio deram lugar a choques violentos, que se renovaram frequentemente, ao largo de 1937 entre "coletivistas" e "individuais". Ali também, a realidade teve muitos rostos. A matança de grandes proprietários, com que começou frequentemente a coletivização das terras — em particular, com Durruti e sua Coluna — não significa que não tenha

sido voluntária: criou as condições materiais, posto que desta maneira se ofereceram terras, e psicológicas, ao mesmo tempo, posto que abriu possibilidades até então inexistentes. O terror é um dos fermentos da revolução e a discussão em torno a se esta última é voluntária ou forçada quase não tem sentido. Por último, toda coletivização foi, ao mesmo tempo, "voluntária" e "forçada", cada vez que foi decidida pela maioria. Os que não tinham nada a perder "forçaram" sem dúvida aos que possuíam algo. Observamos, por último, que as coletivizações tiveram, sem dúvida alguma, menos adversários nas primeiras semanas da revolução que depois de vários meses de funcionamento, nas condições pouco favoráveis da guerra e sob a constante ameaça de requisições militares.....

O anarquista Souchy descreveu com as seguintes palavras a vida no pueblo de Calanda, na Aragón libertária: *"na praça do povo, frente a igreja, há uma fonte de granito completamente nova. Seu friso leva gravadas as iniciais da CNT-FAI. O que foi a igreja é agora um armazém de abastecimento. O matadouro (carniceria) está instalada em uma dependência da igreja, instalação higiênica, bonita, como o povo não havia conhecido nunca. Não se compra nada com dinheiro: As mulheres recebem carne em troca de vales..., pois pertencem às coletividades e*



isto basta para obter carne e outros alimentos. O pueblo tem 4500 habitantes. A CNT domina. Setecentos chefes de família estão aderidos. A coletivização agrupa 3500 membros; os demais são individuais... Coletivistas e individuais vivem pacificamente lado a lado... Os tecidos e a roupa não faltam, pois trocam-se por azeite com uma fábrica de tecidos de Barcelona. O trabalho é intenso e faltam braços, pois numerosos jovens, todos membros da CNT, estão na frente; aqui está tudo coletivizado... A farmácia pertence a coletividade, o mesmo que o médico. Este último não recebe dinheiro. Se lhe mantém como aos demais membros da coletividade. O melhor edifício do pueblo, um antigo convento, é agora escola, que funciona conforme os métodos de Ferrer. Antes, não havia mais que oito mestres. A coletividade nomeou mais dez. Os individuais têm-se beneficiado igualmente com a coletivização: não pagam nem aluguel, nem eletricidade. O pueblo possui sua própria central elétrica, alimentada por uma queda de água".

Tradução parcial do Cap. VI do livro I de *La Revolución e La Guerra de España* — P. Broué e E. Témime — Fondo de Cultura Económica México.